

Dá para mudar o mundo na hora do almoço?

André Gravatá

Vida Simples – 07/2011

De poemas lidos na calçada a cartolinas que incitam sorrisos e cumprimentos imprevistos, foram muitas as tentativas com a intenção de causar um impacto positivo pelas ruas

Na recente crise financeira nos Estados Unidos, alguns mendigos descobriram uma forma de ganhar uns trocados a mais. Para realizarem tal feito, eles mudaram as mensagens das placas que seguravam. De pedidos como "Sem-abrigo. Por favor, ajude", eles passaram para avisos mais categóricos, como: "Apoie. Plano de estímulo do Obama, que começa bem aqui... no fundo. Obrigado".

Soube dessa história há cerca de dois anos, em uma palestra de Gay Talese, autor de livros clássicos do jornalismo, como O Reino e o Poder e Fama e Anonimato. Talese veio ao Brasil para a Flip (Festa Literária de Parati) de 2009 e, em um evento em São Paulo, falou sobre como surgiu a ideia de sugerir novas placas aos pedintes da sua vizinhança. Ele teve o insight no trajeto da sua casa até o banco, quando estava indo descontar um cheque, e imediatamente colocou a ideia em prática. Em uma conversa com um amigo, citei as placas do Talese, e várias questões surgiram. Como podemos causar algum impacto positivo no mundo durante a nossa rotina? Dá para fazer isso enquanto vamos ao banco? E na hora do almoço? O ato de Talese me inspirou a sair pela cidade de São Paulo nos intervalos do dia a dia, com a pretensão de causar algum impacto positivo por onde eu passasse.

De início, andei pelo centro de São Paulo falando "bom dia!" para quem cruzava meu caminho. É claro, nem todos respondiam. A maioria levava um susto; já outros replicavam esticando o "ô" do bom dia e prosseguiam olhando para trás, talvez na tentativa de identificar o maluco no meio da rua. Alguns riam, e isso começou a me animar.

BONS ENCONTROS

Como os sorrisos recebidos me marcaram mais do que as caras feias, fiquei entusiasmado com a ideia de provocar mais alegrias faciais - tinha a esperança de que elas também repercutissem mais fundo. A ação subsequente não poderia ser outra: fiquei de pé, no vão do Masp (Museu de Arte de São Paulo), próximo à calçada, com uma cartolina na mão, na qual estava escrito "Sorria!" em letras garrafais e amarelas. Ficava rindo e segurando a cartolina ao mesmo tempo.

Os mais sérios lançavam um olhar fulminante para mim, como se eu estivesse fazendo algo de muito ruim. Em contrapartida, muitas pessoas começavam a sorrir logo que me viam e me encaravam de perto, como se aquela brincadeira na qual o perdedor é quem ri primeiro ganhasse uma forma invertida, com o vencedor sendo aquele que dá risada todo o tempo.

Até aqui, minha intenção era facilitar bons encontros. O filósofo holandês Baruch Spinoza considerava o bom encontro como aquele no qual aumentamos nossa força vital. Por outro lado, um mau encontro nos exaure. "O corpo humano pode ser afetado por muitas maneiras que aumentam ou diminuem sua potência de agir; e também por muitas outras que não aumentam nem diminuem sua potência de agir", escreveu Spinoza, na obra *Ética*. Assim, que tal um sorriso para se sentir mais forte?

COISAS QUE ESQUECEMOS

Quando comecei a fazer tais experiências, descobri outros grupos e pessoas que buscam causar algum impacto positivo nas pessoas em meio à enxurrada de afazeres diários. Os "Psicólogos do Trânsito", por exemplo, são um grupo de palhaços que, de segunda a sexta, apresentam breves esquetes num cruzamento paulistano, enquanto o sinal está vermelho para os carros, sobre parte da faixa de pedestres. Eles não pedem dinheiro para os motoristas, mas ficam satisfeitos quando recebem aplausos da plateia, que vêm em forma de buzinas. Durante as minipresentações, ainda dá tempo de deixar os motoristas pensativos, pois o grupo levanta placas com frases como "Qual é o seu sonho?", que motivam questionamentos profundos em meio a uma situação cômica.

"Não é fácil causar um impacto positivo no cotidiano da cidade quando se trabalha diretamente com o público, ainda mais quando as pessoas estão estressadas. Mas o projeto nos surpreende a cada farol, pois as reações são mais positivas que negativas", comenta Guilherme Brandão, fundador do grupo, que é composto por outras quatro pessoas de variadas profissões. Fora dos trajes de palhaço, Guilherme é gerente administrativo.

No mundo todo, pipocam ações como a do coletivo. As frases "Aprenda uma nova palavra hoje" e "Estranhos são amigos que ainda não encontramos", por exemplo, não estão em placas de clowns, mas sim em post-its espalhados por Cingapura, na Ásia.

Publicado no Portal Planeta Sustentável

<http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/experiencia-causar-impacto-positivo-ruas-635098.shtml> acesso em 06/08/2011